

MUDANÇAS IDENTITÁRIAS DOS IMIGRANTES DESLOCADOS DE GUERRA E DE SEUS DESCENDENTES EM *CIRCLE OF AMBER* E *EL NOMBRE PRESTADO*

IDENTITY CHANGES OF IMMIGRANTS DISPLACED BY WAR AND
THEIR DESCENDANTS IN *CIRCLE OF AMBER* AND *EL NOMBRE
PRESTADO*

Alexandra Santos Pinheiro*
Márcia Sipavicius Seide**

* alexandrasanpinheiro@gmail.com
Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas
(2007), docente da Universidade Federal de Grande Dourados
(Grande Dourados, Mato Grosso do Sul).

** marciaseda4@hotmail.com
Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo
(2006), docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (campi
de Cascavel e Marechal Cândido Rondon, Paraná).

RESUMO: Migração, diáspora e identidade são temas que marcam a história da humanidade e que devem ser sempre revisitados, especialmente nos momentos em que a democracia parece estar em perigo. Neste artigo, buscamos compreender como as mudanças identitárias do imigrante deslocado de guerra e seus descendentes são representados literariamente a partir da análise das obras *Circle of Amber* e *El nombre prestado*. O primeiro, escrito pela australiana Jura Reilly, foi publicado em 2016, e o segundo, da lavra da escritora paraguaia Susana Gertopán, foi lançado no ano 2000. Apesar da distância temporal, linguística e geográfica, há pontos que os aproximam: ambos não foram traduzidos para o português e uma das temáticas das narrativas se centra no debate da situação do descendente do imigrante cujos pais foram deportados de guerra, vítimas do comunismo, no primeiro caso, e do nazismo, no segundo.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Diáspora; Identidade; Susana Gertopán; Jura Reilly

ABSTRACT: Migration, diaspora and identity are themes that mark the history of humanity and that should always be revisited, especially at times when democracy seems to be in danger. In this article, we seek to understand how the identity of the immigrants displaced by war and their descendants are represented by Literature in the novels *Circle of Amber* and *El nombre rendered*. The first, written by Australian Jura Reilly, was published in 2016 and the second, written by the Paraguayan writer Susana Gertopán, was launched in 2000. Despite the temporal, linguistic and geographical disparity, there are points that bring them together: both have not been translated into Portuguese and have, among other themes, the debate of the situation of the descendant of the migrant whose parents were deported by war, victims of communism in the first case, and of Nazism in the second.

KEYWORDS: Migration; diaspora; identity; Susana Gertopán; Jura Reilly

INTRODUÇÃO:

Como se sabe, os direitos humanos foram identificados, descritos e visibilizados em decorrência do tratamento desumano imputado às vítimas da 2ª Guerra Mundial. Essa tomada de consciência motivou a instauração do Tribunal de Nuremberg e resultou em uma das tantas migrações em massa de que se tem conhecimento. O Tribunal de Nuremberg identificou e penalizou muitos criminosos de guerra entre os quais se destacam os relacionados ao genocídio judeu. Menos conhecidos no ocidente, os crimes perpetrados pelos comunistas só vieram à tona a partir da publicação da monumental obra *O livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror, Repressão* (COURTOIS, 1999), após o término da propaganda soviética aos países do ocidente em decorrência da derrocada do regime soviético em 1989. Entre as vítimas da 2ª. Guerra Mundial, estão os deslocados de guerra, aqueles que migraram para sobreviver. No interior deste conjunto, que reuniu milhares de pessoas, estão os lituanos e os judeus.

É para eles que esta análise se volta. O primeiro grupo está literariamente representado nas personagens protagonistas do romance *Circle of Amber* (2016), da australiana Jura Reilly; o segundo é foco da obra *El nombre prestado* (2000), da paraguaia Susana Gertopán. Duas escritoras que se assemelham por serem descendentes de

imigrantes: a primeira de lituanos que viveram na Austrália¹ e a segunda de judeus que habitaram o Paraguai. Elas também se aproximam por produzirem uma literatura memorialística, num cruzamento contínuo entre ficção e realidade.

Ao tratar do sujeito da diáspora, Stuart Hall, em diálogo com a teoria de Chambers, considera a memória um elemento fundamental para aqueles que foram forçados a migrar e que sabem da impossibilidade de voltar.² Na tentativa de compreender o papel da memória, Chambers relembra uma simbologia cara a Baudelaire: “Diante da ‘floresta de signos’ (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (“reliquias secularizadas”, como Benjamin, o colecionador, as descreve)”. E conclui que o processo memorialístico “talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos” (CHAMBERS *apud* HALL, 2003, p. 17). Rememorar representa, desta forma, a chance de recompor o passado, de trazer a “casa” de origem para o novo território ocupado. O processo memorialístico é, por fim, a possibilidade de romper barreiras temporais e espaciais. De acordo com Eclea Bosi, a função da memória não é a da construção do tempo, nem o de sua anulação. “Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos

1. O Brasil também acolheu lituanos deslocados pela guerra, mas em menor proporção (SEIDE, 2020a).

2. Na história da humanidade, o deslocamento forçado afetou o destino de inúmeras pessoas, dos escravos de guerra do império romano aos africanos que os europeus escravizaram e trouxeram para o Brasil no início da colonização até a proibição do tráfico negreiro. Este artigo foca outro tipo de deslocamento não voluntário das pessoas: o que acometeu os deslocados pela 2ª. Guerra Mundial e os forçou a se retirarem do continente europeu para sobreviverem.

vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que se deixou à luz do sol ao realizar uma evocação” (BOSI, 1994, p. 59).

As obras aqui analisadas permitem este rompimento. As autoras recuperam as narrativas das gerações que as antecederam, mas também imprimem, nos enredos, a subjetividade de quem conseguiu estabelecer relações entre as culturas, os espaços e as inevitáveis transformações advindas do tempo transcorrido entre passado e presente.

Jūratė Vitkūnaitė-Reilly, ou Jura Reilly, nasceu em Adelaide, na Austrália, em 11 de julho de 1952. Seus pais, lituanos deslocados pela guerra, lhe ensinaram o idioma lituano e a incentivaram a participar das atividades de sua comunidade de origem. Após a restauração da independência lituana, em 1990, ela foi convidada pelo governo do país a dar aula de língua inglesa. *Circle of Amber* é seu primeiro romance publicado. Baseado nas memórias de sua bisavó materna Magdalena Vilkienė, o romance acompanha a vida de quatro gerações de mulheres, com um capítulo dedicado a cada uma: Kristina, Renata, Ella e Gaila. Estes capítulos não seguem uma simetria, sendo, o último, o mais longo. Enquanto os dois primeiros são ambientados, respectivamente, na Lituânia e na Alemanha, os dois últimos o são na Austrália, sendo que a finalização do romance se dá pela narração da viagem de Gaila à Lituânia (SEIDE, 2019).

Tendo em vista o foco da análise aqui descrita, foi feito um recorte do romance que foca os imigrantes e os descendentes de imigrantes na Austrália. Recorremos da obra cenas, falas e caracterizações de personagens que indicam a representação literária dos deslocamentos identitários dos deslocados de guerra e seus descendentes nos países de acolhida. Esta análise ecoa as vivências da romancista e as memórias de sua família e daqueles que fizeram e fazem parte das comunidades lituanas, na Austrália, país que acolheu lituanos, letos e estonianos que escaparam da perseguição comunista iniciada em 1941.

Quatro anos mais jovem que a romancista australiana, Susana Gertopán nasceu em 1956, em Assunção-Paraguai. Descendente de judeus que fugiram da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, a autora recria, em suas narrativas, memórias do holocausto. Ela se consagra como uma espécie de porta voz da experiência de seus avós, com os quais cresceu. Em sua narrativa, há a imagem do luto e da culpa daqueles que sobreviveram ao holocausto, como a própria escritora revela em entrevista concedida em 2012:

Los amigos de mis abuelos eran todos europeos y todos hablaban solo el yiddish, algunos eran ya sobreviviente del holocausto entonces, durante las reuniones, que siempre se daba en las tardes, mis abuelos traían una silla

pequeña en la que yo me sentaba a oír las historias que ellos contaban. [...]. Todo ese registro fue el que en algún momento yo denuncié escribiendo sobre esas historias, y es ahí en esa pieza con mis abuelos cuando yo me vuelvo escritora porque las paredes del cuarto estaban revestidas de fotografías de muertos, pero a pesar de ello, había mucha vida, también (PINHEIRO, 2017, p. 132).³

Por outro lado, a escritora não representa apenas os seus antepassados, a sua literatura memorialista também fala de si e de seus anseios diante da pressão familiar para preservar a cultura judaica. Conforme destaca na entrevista concedida a Pinheiro, Gertopán relembra que os imigrantes de judeus construíram bairros, escolas, templos religiosos e comércios no intuito de garantir o isolamento cultural e, assim, preservar a identidade judaica. De diferentes maneiras, suas primeiras obras refletem esta dualidade: o imigrante e seu esforço em se isolar para não sofrer influências do país que o acolheu; paralelo a isto está o atrito com seus descendentes divididos entre a regras impostas pelos mais velhos e o desejo de se abrirem para experimentar o país natal.

Uma das principais temáticas do romance *El nombre prestado* é o conflito entre gerações. O processo memorialístico conduz a narrativa composta por um pai, imigrante, e por um filho, o descendente que se esforça por romper

com as tradições judaicas. O segundo assume para si o papel de narrador-protagonista, mas, a partir do discurso direto, o leitor conhece também o ponto de vista do pai, compreendendo como ambos traduzem as suas angústias.

Já em *Circle of Amber*, a memória perpassa a história da Lituânia desde o século XIX até a década de 1940. A narrativa se configura como um romance histórico escrito para preservar a memória e, assim, garantir que os mais jovens nascidos na Austrália não se aculturem a ponto de não saber de onde vieram, propósito que se revela na dedicatória do livro: “Este romance é dedicado aos meus filhos e aos meus netos, para que possam descobrir mais sobre a sua herança lituana”.⁴

Em *El nombre prestado*, o pai e a mãe do personagem protagonista são os sujeitos diaspóricos. Os pais de José, ou Alejandro, conseguiram escapar do holocausto e, motivados por familiares que já residiam no Paraguai, escolheram este país como refúgio. O protagonista-narrador Iósele (José, em língua portuguesa e em língua espanhola) muda seu nome para Alejandro. Nascido no Paraguai, sua narrativa revela o quanto as tradições familiares foram, para ele, motivo de vergonha durante a infância e a adolescência.

3. “Os amigos dos meus avôs eram todos europeus e todos falavam apenas o *yiddish*, alguns eram sobreviventes do holocausto, então, durante as reuniões, que aconteciam sempre pelas tardes, meus avôs traziam uma pequena cadeira na que eu me sentava para ouvir as histórias que eles contavam. Todo este registro foi o que, em algum momento, eu denuncié escrevendo sobre estas histórias, e é aí, neste lugar, com meus avôs, que eu me torno escritora. Porque as paredes do quarto estavam repletas de fotografias de mortos, mas, apesar deles, havia muita vida também” (PINHEIRO, 2017, p. 132, tradução nossa).

4. “This novel is dedicated to my children and grandchildren, so that they may discover more about their Lithuanian heritage” (SEIDE, 2019 p. 357).

O estigma de ser descendente de imigrante também está presente na vida de Gaila, contemporânea de Alejandro. No capítulo a ela dedicado, há relatos de assédio moral vivido na escola e da dualidade sentida na adolescência quando se percebia australiana durante os dias da semana e lituana nos fins de semana e nas férias, isto é, nos momentos em que frequentava a escola de língua lituana e as atividades promovidas pela comunidade lituana.

No romance paraguaio, é do ponto de vista de um jornalista, professor universitário e escritor de 50 anos que as memórias são tecidas. O seu principal opositor, o pai, está morto. Ao juntar fragmentos, Alejandro coloca um ponto final em uma relação conflituosa a quem ele atribuía a culpa por sua incapacidade de viver um relacionamento sério. O protagonista estava separado de Sofia, uma mulher judia, e buscava uma maneira de se envolver plenamente com Laura, uma enfermeira paraguaia.

Em um tempo presente, o narrador-protagonista de *El nombre prestado* busca reencontra-se com imagens passadas, com seu eu-menino e seu eu-adolescente na expectativa de compreender a relação com o pai. Na realidade, todo processo memorialístico é uma tentativa de compreensão da figura paterna que, desde sempre, se apresentava como um ser estranho e distante: “Mi madre

siempre encontraba la causa para justificar esas ausencias. Era el excesivo trabajo, o de lo contrario a floraba su difícil adaptación a Sudamérica”⁵ (GERTOPÁN, 2010, p. 20). O pai ausente se esforça por adentrar na intimidade de um filho adulto, independente e incapaz de permitir uma intimidade com o seu progenitor. Além disto, a presença do pai não se dá por afeto, mas por uma sequência de exigências e intromissões: “Íósele, lo que necesitas es una mujer, una esposa. Sofía era una buena mujer, una esposa ejemplar. ¡Cómo te cuidaba! Igual como hacía tu madre”.⁶ Ao final do romance paraguaio, o reencontro com o passado leva ao perdão e à possibilidade de seguir em frente. Íósele ou Alejandro se casa com Laura e continua preferindo se comunicar em castelhano, no entanto, passa a aceitar a identidade de judeu nascido em terras latinas e volta a participar de algumas tradições judaicas. A nova geração, representada pela figura de Íósele – José – Alejandro, compreende, por fim, os anseios de seus antepassados, dando-se conta de que renegar a história e a tradição de sua família implica, também, em recusar a si mesmo: “Cómo dolía en ese momento enterrar a mi padre, pero más me dolía enterrar el pasado (GERTOPÁN, 2010, p. 152).⁷

O reencontro do passado também marca o final do romance australiano, o qual se relaciona ao título do

5. “Minha mãe sempre encontrava uma explicação para justificar estas ausências. Era o excesso de trabalho ou, ao contrário, destacava a sua dificuldade em se adaptar na América do Sul” (GERTOPÁN, 2010, p. 20, tradução nossa).
6. “Íósele, o que você precisa é de uma boa mulher, uma esposa. Sofia era uma boa mulher, uma esposa exemplar. Como lhe cuidava! Igual como fazia a sua mãe” (GERTOPÁN, 2010, p. 20, tradução nossa).
7. “doía enterrar ao meu pai, mas me doía mais enterrar o passado” (GERTOPÁN, 2010, p. 152, tradução nossa).

romance: *Circle of Amber*. Gaila, já avó, começa a ter pesadelos repetidamente nos quais ela se vê num incêndio. Em sessões de hipnose, a personagem descobre que presenciou um incêndio ocorrido na casa de Kristina, matriarca da família. Na mesma época, Gaila começa a trocar correspondência com uma prima lituana e, após algum tempo, decide viajar para conhecer a prima e o país de origem de seus antepassados. Ao final de sua viagem à Lituânia, a prima lhe dá um presente: o pendente de âmbar de sua bisavó em cuja caixa estava escrita uma carta com uma dedicatória e com as instruções para se realizar um ritual de invocação dos deuses lituanos:

In a shaky, spidery script, Kristina had written these words, I leave this pendant to my great grand daughter Gaila. ‘Take this circle of amber and repeat this magic chant three times. Forever it will protect you and those dear to you’. Gaila began to read softly to herself, Turn circle turn, turn to the East. Turn circle turn, turn to the West. Turn circle turn, turn to the North. Turn circle turn, turn to the South (REILLY, 2016, p. 301).⁸

Circle of Amber e *El nombre prestado* aliam memória e ficção e se constituem como dois registros literários do sujeito diaspórico e de seus descendentes. São textos literários que nos obrigam à revisitação do passado para rever os acontecimentos que feriram a dignidade humana.

Gaila e Alejandro, ao juntarem fragmentos do passado, torna visível a luta de seus antepassados e deles próprios para sobreviverem à diáspora e para se constituírem enquanto descendentes. Este processo é assim esclarecido por Italo Svevo (2006): o passado “é sempre novo” e vai se alterando sempre conforme o olhar do sujeito que o revisita: “[...] Partes da vida que parecem ter afundado no esquecimento reaparecem, enquanto, por outro lado, outras afundaram por serem menos importantes” (SVEVO *apud* ASSMANN, 2011, p. 21). A memória, assim, cumpre a sua função de nos permitir ver outra vez, possibilitando a reflexão necessária para que cenas como as do holocausto e as do holomodor não ocorram mais: “A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social. [...]. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (FÉLIX, 1998, p. 42).

A seguir, recuperamos cenas dos romances de Jura Reilly e de Susana Gertopán para compreender como estas escritoras, distantes geograficamente, tecem reflexões acerca do sujeito imigrante e de seus descendentes. Na análise apresentada, comparam-se as representações literárias das mudanças identitárias pelas quais passam as personagens que representam o imigrante diaspórico e a primeira geração de seus descendentes.

8. “Com uma letra tortuosa e instável, Kristina escreveu estas palavras: deixo este pingente para minha grande neta Gaila. Pegue este círculo de âmbar e repita este canto mágico três vezes. Para sempre, ele protegerá você e seus entes queridos. Gaila começou a ler suavemente para si mesma, vire o círculo, vire, vire para o Leste. Vire o círculo, vire para o Oeste. Vire círculo, vire para o Norte. Vire o círculo, vire para o Sul”. (REILLY, 2016, p. 301, tradução nossa).

O imigrante deslocado de guerra e seus descendentes: questões identitárias

Na obra *Circle of Amber*, o deslocamento identitário dos imigrantes é indiciado por mudanças dos modos pelos quais as personagens são chamadas pelos outros.⁹ No contexto australiano, os imigrantes lituanos são os *outsiders*, aqueles aos quais se nega o pertencimento ao grupo dos *insiders*, formado por aqueles que estão inseridos num grupo que usufrui de hegemonia, o dos estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000). Cumpre ressaltar que a avaliação de uma pessoa como “alguém de fora” ou “alguém de dentro” de um grupo depende dos contextos e dos interlocutores. No caso da personagem Algimantas Kelmas (pai de Gaila), conforme se mostrará a seguir, ele é incluído no grupo dos “de dentro” quando o interlocutor é alguém da comunidade lituana. Contudo, como imigrante, no contexto australiano dos já estabelecidos, ele é, em princípio, excluído e lhe são exigidas mudanças identitárias para sua inclusão.

Algimantas Kelmas foi o primeiro namorado e depois esposo de Ella, filha de Renata. Algimantas e Ella se conhecem numa festividade promovida pela comunidade lituana da cidade de Sidney: o concerto anual de dança folclórica báltica. Após uma fala elogiosa do rapaz para a

moça, marcando o início do galanteio, há um breve diálogo de reconhecimento. Nesta interlocução inicial, são fornecidas informações sobre um passado que sinaliza a origem étnica comum e a história compartilhada, num compartilhamento que estabelece um sentimento de pertença a um mesmo grupo. Ao final de seu galanteio, o rapaz lhe diz: “*Don ’t be modest, it ’s obvious to me that you come from a long line of professional dancers!*” (REILLY, 2016, p. 153).¹⁰ A resposta de Ella dá início ao seguinte diálogo:

‘No I don ’t! My family comes from Palanga. That ’s probably why I speak with a touch of the Samogitian dialect. Before we came out to Australia, my father was a businessman there.’¹¹

‘Oh really? My father was an army office back in Lithuania. We managed to get out, just in time you know. Otherwise, we would ’ve been shoved onto a train to Siberia, like most of our relatives were. We still don’t know whether they survived or not.’¹²

‘That must be so sad for you. Before we left, my aunt Virginia got a letter that my uncle Marius died of liver failure in a Vorkuta gulag somewhere in Siberia’.¹³

The stranger lit another cigarette. ‘I suppose that we should introduce ourselves.’ (REILLY, 2016, p. 153)¹⁴.

10. “Não seja modesta, para mim é evidente que você descende de uma longa linhagem de dançarinos profissionais”. (REILLY, 2016, p. 153, tradução nossa).

11. “Eu não! Minha família é de Palanga. Provavelmente é por isso que eu falo com um ligeiro sotaque samogita. Antes de nós virmos para a Austrália, meu pai era negociante lá”. (REILLY, 2016, p. 153, tradução nossa)

12. Ah é mesmo? Meu pai trabalha no escritório do exército na Lituânia. Nós conseguimos escapar bem na hora, você sabe. Caso contrário, nós teríamos sido jogadas para dentro de um trem para a Sibéria, como aconteceu com a maioria dos nossos parentes. Nós ainda não sabemos se eles sobreviveram ou não. (REILLY, 2016, p. 153, tradução nossa)

13. Vocês devem ter ficado muito tristes por causa disso. Antes de partirmos, minha tia Virginia recebeu uma carta que meu tio Marius morreu de insuficiência hepática no gulag Vorkuta em algum lugar na Sibéria. (tradução nossa)

14. O estranho acendeu outro cigarro, “Suponho que devamos nos apresentar”. (REILLY, 2016, p. 153, tradução nossa)

9. As nomeações em contextos migratórios também são investigadas na Onomástica, na subárea da Antroponomástica Comparada (SEIDE, 2020b).

Conforme mostra o desenrolar do diálogo, o sentimento de identidade surge entre eles não apenas pelo fato de ambos os pais serem lituanos e cada um ter tido sua profissão antes da migração, mas também por ambas as famílias terem sido afligidas pela repressão do regime comunista àqueles que, de modo suposto ou verdadeiro, se opunham ao regime soviético. O regime silenciava a oposição mediante prisão, fuzilamento ou exílio dos adversários e, também, diga-se de passagem, de seus familiares, ou daqueles que, no momento da “convocação ao exílio”, estivessem na mesma casa. Ao ouvir o relato do moço, Ella se compadece e se identifica com ele, tendo em vista que a família dela saiu da Lituânia nas mesmas circunstâncias. Ela informa, então, que um tio chegou a falecer na Sibéria. Na sequência, o moço se apresenta à Ella da seguinte maneira: “My name ’s Algimantas Kelmas, but my wordmates insist on referring to me as Al Kelm. They say it ’s much easier. Oh, well, we ’re in Australia now” (REILLY, 2016, p. 153).¹⁵

Em estudo anterior, Seide (2019) defende que esta fala revela um deslocamento identitário em decorrência da adaptação tanto do nome como do sobrenome da personagem imigrante. O nome de uma pessoa, explica, é como um cartão de visita para a interação social. A ele pode ser atribuídas várias conotações sociais, positivas

ou negativas. No contexto australiano, seu nome lituano causa um estranhamento considerável. Seu prenome é exclusivamente lituano, não há equivalente em outras línguas, e sua pronúncia original não se mantém na língua inglesa, tendo em vista as diferentes relações entre grafemas e fonemas da letra A e questões de prosódica relacionadas à sílaba tônica. Com relação ao sobrenome, ele não está de acordo com o padrão anglo-saxão, uma vez que a terminação em -as indica gênero masculino, número singular e caso nominativo, no idioma lituano. A estratégia utilizada por seus colegas de trabalho foi a adaptação linguística e cultural do estrangeiro à língua e cultura australianas. O nome Algimantas foi substituído por um hipocorístico inglês relacionado a um nome em inglês (em lituano Algis é o hipocorístico mais usado para o prenome em questão): o hipocorístico Al. Com relação ao sobrenome, a supressão da terminação -al o tornou formalmente idêntico ao sobrenome de origem alemã Kelm (SEIDE, 2019). Percebe-se que as mudanças a que se submeteu a personagem resultou na domesticação, aculturação ou aclimatação do estrangeiro ao lugar para onde foi forçado a ir.

A relação nome e identidade em contextos migratórios se faz presente também no romance paraguaio cujo título *El nombre prestado* está relacionado tanto ao

15. Meu nome é *Algimantas Kelmas*, mas os meus colegas insistem em me chamar de *Al Kelm*. Eles dizem é mais fácil para eles. Bom, nós estamos na Austrália agora (SEIDE, 2019, p. 342).

narrador-protagonista quanto ao seu pai. Como mencionado anteriormente, o pai de Alejandro, para fugir de um campo de concentração, veste as roupas e usa os documentos de um soldado nazista morto em combate (PINHEIRO, 2017). Seu nome verdadeiro era Elías Kohenz, mas, uma vez livre, sente-se um traidor e se auto pune, abandonando seu nome de família. De acordo com Ana Lúcia Galinkin, no momento da circuncisão, a criança recebe o nome hebraico de seu pai e, a partir dele, é “reconhecida sua ascendência e seu *status* tribal – Cohen (sacerdotal), Levi ou Israel” (GALINKIN, 2008, p. 91). Ao trocar de nome, portanto, Haim rompe com esta ascendência e deixa de ser um guardião da história de sua família.

Ainda que em graus e maneiras distintas, tanto Al-gimantas quanto Elías adotaram nomes diferentes. O primeiro por imposição dos interlocutores e o segundo por iniciativa própria. A primeira geração nascida no país de acolhida também adota nomes alternativos: Gaila Kelmas se tornou Gail Smith após o casamento e Iósele decide mudar seu nome para Alejandro com o intuito de apagar, ainda que pelo nome, as marcas de sua origem judaica. No nome está também a identidade e, se identificar implica, necessariamente, em reconhecer que existe o outro, uma alteridade. Seja pela imposição do casamento ou por uma questão de sobrevivência, como foi o caso da personagem

de Susana Gertopán, ambos marcam uma ruptura com a identidade familiar. Para Haim, resta o esforço de que seu filho aceite ser um guardião da tradição judaica. Mas isto não é mais possível porque Alejandro se identifica com a língua e os costumes do país latino. O espaço alcançado por este descendente de imigrante é híbrido, uma vez que a personagem é uma síntese do encontro entre duas culturas.

A relação entre nome e identidade também é vivenciada por Gaila no ambiente escolar. Ela sofre assédio moral dos colegas, como é o caso da cena em que fazem um trocadilho com o seu nome quando ela defende, durante uma aula de recitação de redação, o uso de uniformes na escola. De acordo com Gaila, se todos se vestissem da mesma forma, se sentiriam mais iguais entre si. Frente a tal argumento, uma colega a interrompe: “-[...] you d ‘know of course, wouldn ‘t ya, you stupid galah,’ sniggered Sharon, the class bully. Gaila went beetroot red. She hated the way that she made fun of her name. She was going to shorten it to ‘Gail’, as soon as she could.” (REILLY, 2016, p. 191).¹⁶ Entra em jogo, na fala da colega, um trocadilho de difícil tradução.¹⁷

Ainda na mesma aula, a assediadora a empurra e diz “*Sorry Gay-lah*”, pronunciando seu nome como se ele fosse

16. Ah, você sabe exatamente como é isso né?, sua burra estúpida, disse rindo Sharon, a valentona da turma. Gaila ficou vermelha como uma beterraba. Ela odiava o modo como faziam piada com o nome dela. Ela ia abreviar o nome para Gail o quanto antes. (SEIDE, 2019, p. 350)

17. Na minha tradução, não consegui manter o trocadilho que existe no original. Em inglês, a palavra *galah* – cuja pronúncia é praticamente idêntica à pronúncia lituana do nome *Gaila* –, em sua acepção original, nomeia um pássaro australiano que, em língua portuguesa, se chama cacatua. A segunda acepção da palavra é exclusiva do inglês australiano. Trata-se de uma palavra pejorativa utilizada para dizer que uma pessoa não é nada inteligente. Para manter a metáfora zoonímica, traduzi “*stupid galah*” para “burra estúpida”. Considerando a pronúncia dos nomes, percebe-se que, aos ouvidos australianos, o nome *Gaila* é equiparado ao nome do pássaro socialmente avaliado como tolo, o trocadilho vem desta semelhança fonética. (SEIDE, 2019, p. 349-350).

um nome inglês. “Ainda no mesmo dia, colaram, nas suas costas, um papel onde estava escrito: “*Gaila the galah is a bitch*”¹⁸ (REILLY, 2016, p. 191). Depois deste acontecimento, ela prometeu a si mesma que seria outra pessoa e teria outro nome. Uma das últimas cenas do romance australiano mostra a finalização do processo de adaptação linguística de seus nomes. Essa cena mostra que Gaila não apenas trocara de sobrenome em virtude de casamento, mas também, para cumprir a promessa de “ser outra pessoa”: “‘*Is that Mrs. Ella Kelmas?*’ ‘No, it ‘s her daughter *Gail Smythe* ’” (REILLY, 2016, p. 280).¹⁹

A atribuição de um nome a si mesmo, diferente daquele registrado em cartório, é o que constitui o pseudônimo. Na trama, há outra personagem que se dá um pseudônimo, Ernestas (equivalente ao nome Ernesto em língua portuguesa), primo de Gaila. Eles se conheceram num acampamento lituano quando ambos eram adolescentes. Depois que confirmaram o parentesco, o primo explica o seu nome: “‘*(...) my name is Rokas.*’ ‘*Rokas? Is that Lithuanian?*’ ‘*Actually my parents gave me a lithoname – Ernestas.*’ ‘*(...) I got called “Ernie” at school, till I changed it to Rokas.*’”²⁰ (REILLY, 2016, p. 186).

Esta mudança nominativa indica uma recusa em aceitar o hipocorístico em língua inglesa e um retorno a um

nome em língua lituana já que Rokas é o equivalente em lituano para o nome Roque, em língua portuguesa, mas que, do ponto de vista da língua inglesa, é mais fácil de pronunciar. No caso do primo, houve o encontro de uma solução intermediária que conseguiu manter uma certa lituanidade e, ao mesmo tempo, facilitar sua adaptação ao país. Alejandro, Haim, Algimantas, Gaila e Rokas estão, identitariamente, em crise. Como afirma Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER *apud* HALL, 2006, p. 43). Neste contexto, são os descendentes dos migrantes quem terão o tempo e a oportunidade de esclarecer as incertezas e se reafirmarem em suas identidades deslocadas-relocadas.

Gaila representa, literariamente, este deslocamento identitário dos descendentes. O significado de seu nome, na língua lituana, pesar, já prenunciava uma vida cheia de revesses devido ao significado do nome na língua lituana:

[...] quando tinha 7 anos, por duas vezes, ela ficou totalmente arranhada quando brincava com gatos; depois quando, pela primeira vez, foi lhe permitido visita uma vizinha de família estoniana, ela tentou brincar como o cachorro o qual por ter sido treinado na língua estoniana não entendeu o que ela lhe

18. *Gaila*, a burra, é uma puta (SEIDE, 2019, p. 350)

19. A senhora *Ella Kelmas* está? Não, quem fala é sua filha *Gail Smythe*”.

20. [...] meu nome é *Rokas*. *Rokas?* Isto é lituano? Na verdade, meus pais me deram um nome litho – *Ernestas*. (...) eu era chamado “*Ernie*” na escola, até que eu mudei meu nome para *Rokas*. (REILLY, 2016, p. 186, trad. nossa).

dizia em lituano e a atacou. No começo da adolescência, seu pai suspeitou de um namorico dela com um primo de segundo grau e lhe cortou os lindos cabelos. Anos mais tarde, aos 20 anos, ela faz sua primeira viagem ao exterior e é roubada. (SEIDE, 2019, p. 345).

Em sua narrativa, há a descrição de conflitos entre a família e a comunidade lituana e os australianos com os quais aprendeu a conviver. O primeiro confronto surge quando Gaila começa a ir à escola sem nada saber do idioma oficial do país, uma vez que, em casa, todos falavam, exclusivamente, a língua lituana. Ela logo percebe tudo o que a diferencia dos outros e, nesta posição de *outsider*, surge o desejo de ser outra pessoa. Apesar de ter aprendido a língua inglesa, Gaila não abandona a língua lituana, pois além de falar o idioma em casa, ela o aprende formalmente na escola de língua lituana aos sábados. Quando, ao final do romance, viaja à Lituana, ela consegue se comunicar com todos e então se felicita por ter ido à escola todos os sábados de sua infância e adolescência. Seus filhos e netos, contudo, não aprenderam o idioma de seus antepassados.

A perda da língua de herança durante o processo migratório também é representada no romance paraguaio. O pai de Alejandro sente a necessidade, como sobrevivente

do yiddishkait, de assegurar que a cultura do povo judeu seja guardada pelas gerações futuras. Uma das formas encontradas de preservar essa tradição seria pela manutenção da língua, tema sempre discutido por eles:

-¿Cómo que no lo sabes hablar! Si te criastes en un hogar donde sólo se hablaba en yiddish. -Papá, por favor, me olvidé del yiddish, así como tú te olvidas que yo soy escritor, que soy periodista, que trabajo con la palabra, que la palabra es mi única herramienta de trabajo, el yiddish es una lengua muerta. Ya no existen escritores que la utilicen, ni lectores que la lean. ¿Entiendes? (GERTOPÁN, 2010, p. 72).²¹

Não, Haim não conseguia compreender os argumentos do filho. O yiddish representava não apenas um idioma, mas toda a tradição de seu povo. Marcuschi (2005) e Bakhtin (1995) lembram da importância de se pensar a língua como prática social, histórica e cognitiva. Na mesma direção, o linguista Hjelmslev observa que a linguagem é a base mais profunda da sociedade humana (HJELMSLEV, 2003, p. 01). Falar o *yiddish* é uma forma de fortalecer a tradição judaica dos imigrantes. A língua é um traço tão significativo que, para o pai, a recusa do filho em falá-la implica na não aceitação da própria cultura judaica. Haim se decepciona porque sabe o quanto os imigrantes se esforçaram para se protegerem da cultura latina, abrigando seus descendentes dentro de sua língua e tradição. Alejandro

21. – Papai, não lhe entendo, deixe de falar em *yiddish*. Por que não fala em castelhano? – Por que você não fala *yiddish*? – Porque não sei. – Estuda, da mesma maneira com que lê e estuda tantas coisas, tantas bobagens que não servem para nada, estuda melhor este idioma que é dos seus antepassados. [...]. – O *yiddish* já não existe. Se tornou um dialeto falado apenas pelos judeus da diáspora. – Que? Que falas? O *yiddish* segue sendo um idioma, um idioma de tradição é a língua que fala o judeu. [...]. – Como não sabe falar!, se foi criado em um lugar onde se falava o *yiddish*. – Papai, por favor, me esqueci do *yiddish*, assim como você se esquece que sou escritor, que sou jornalista, que trabalho com a palavra, que a palavra é a minha única ferramenta de trabalho, o *yiddish* é uma língua morta. Já não existem escritores que a utilizem, nem leitores que a leiam. Entende? (GERTOPÁN, 2010, p. 72, tradução nossa).

ultrapassa este muro, sai do *gueto* para conviver com os latinos (com os quais também se identificava). Escolhas, portanto, difíceis de serem compreendidas para quem se manteve fiel ao *gueto*: “- Te cambiaste de nombre y de apellido, renegastes del mío, de mi apellido. ¡Renegaste de mí! [...], renegaste de tu identidad, te negaste a tener hijos, a tener descendencia, y me preguntas cuántos errores cometiste. ¡Eres un mal hijo!” (GERTOPÁN, 2010, p. 130).²²

Durante a adolescência de Gaila, seus pais se separaram, após a mãe descobrir que estava sendo traída. No começo da vida adulta, seu irmão entrou na universidade e se tornou um viciado em drogas, abandonando os estudos e o lar para trabalhar numa mina de ouro em outra região do país. Quando fez 21 anos, ganhou uma viagem à Nova Zelândia onde encontrou aquele que seria seu marido. Ao saber do relacionamento da filha, a mãe não viu o casamento com bons olhos, pois o noivo não pertencia à comunidade lituana e ela já havia pensado em casá-la com alguém da comunidade. Começa assim uma discussão na qual Gaila defende a família do noivo elencando vários argumentos. Primeiro, afirma que ela mesma não é lituana – adota aqui a noção de nacionalidade segundo o local do nascimento e não de acordo com a nacionalidade “do sangue” herdada dos pais--Na sequência, diz que Vince (o rapaz que sua mãe queria que fosse o seu noivo)

não se interessa por ela, que ele não é um bom candidato a marido. Seu último argumento é que as famílias dela e do seu namorado se assemelham porque os pais dos noivos, como os lituanos, são católicos:

‘Mama, I was born in Australia, not Lithuania! Besides, Vince isn’t interested in me one bit. He loves guzzling beer, smoking and playing poker.’

‘But Gaila, we don’t know this Myles character or his partens, or where they live. What kind of people are they?’

‘Oh mama, don’t be so old fashioned. Agnes and Edward are Catholics just like us’ (REILLY, 2016, p. 226).²³

Depois de conversarem sobre os detalhes da cerimônia, a mãe se convence e o casamento é realizado, não na igreja, como os pais de seu noivo haviam desejado, mas apenas no civil com uma festa à beira da praia. Após trabalhar como assistente de biblioteca por um período, ela tem filhos, uma menina e um menino. Depois que seus filhos já não são mais bebês, Gaila faz um curso de ourives e descobre que seu talento na fabricação de joias pode ser um prazer e uma fonte de renda e abre uma joalheria chamada Baltik, nome que homenageia sua origem báltica.

22. Você mudou de nome e de sobrenome, renegou o meu sobrenome. Negou a mim! [...], renegou a sua identidade, se recusou a ter filhos, a ter descendência, e me pergunta quantos erros cometeu. É um filho mal!” (GERTOPÁN, 2010, p. 130, tradução nossa).

23. Mamãe eu nasci na Austrália, não na Lituânia! Além disso, Vince não está nem um pouco interessado em mim. Ele ama tomar cerveja, fumar e jogar poker! Mas Gaila, nós não sabemos qual é o caráter deste Myles ou seus pais ou onde eles vivem. Que tipo de pessoa eles são? Ah, mamãe, não seja tão antiquada. Agnes e Edward são católicos como nós! (REILLY, 2016, p. 226, tradução nossa).

As cenas desta parte do enredo mostram que a criação dos filhos, os hábitos alimentares e culturais da família seguem de perto o padrão australiano de modo que os netos de Ella não participam das atividades da comunidade lituana e também não vão às aulas de lituano aos sábados. Há, por parte de sua mãe, um certo estranhamento e alguma surpresa ao perceber que a cultura dos netos é diferente da sua, mas não há qualquer cobrança ou discussão a respeito. A origem lituana de Gaila é lembrada muitos anos depois. A primeira lembrança surge quando ela vai ao funeral da mãe. Meses depois, as lembranças vêm em sonhos, quando começa a ter pesadelos repetidos em que está em meio a um incêndio. Preocupada com os pesadelos, ela passa a frequentar sessões de hipnose. Durante o transe hipnótico, ela se expressa em samogita, um dialeto lituano hoje praticamente extinto. Ao final das sessões, ela descobre ser a reencarnação de uma menina que presenciou o incêndio da casa de Kristina, matriarca de sua família cuja história dá início ao romance. Nesta mesma época, ela começa a receber cartas de uma prima lituana distante. Ao ler e responder as cartas da prima, Gaila fica feliz por ter ido às aulas de lituano, pois consegue ler e se comunicar nesse idioma. Então, ela planeja e realiza uma viagem à terra de seus pais, logo após a restauração da independência lituana, em 1990.

As cenas e as personagens que remetem aos deslocamentos identitários dos imigrantes lituanos deslocados pela guerra em *Circle of Amber* também estão presentes na obra *El nombre prestado*. Ainda que, na narrativa de Susana Gertopán, os sujeitos deslocados, sobreviventes do Holocausto, tomaram uma postura de fechamento à cultura do país que os acolheu. Neste processo, o conflito se manifesta com os seus descendentes. Em outras palavras, os filhos que nasceram em solo paraguaio reivindicam o desejo de vivenciar a realidade cultural de seu país de nascimento, negando, como se pode perceber na obra, a tradição judaica.

O ato de rememorar movimenta um olhar crítico ao passado e é por esta criticidade que Alejandro percorre a sua trajetória e também a de seu pai. Este narrador conduz seus leitores por um caminho que ele já conhece e deseja apontar aquilo que já foi compreendido e superado. O leitor compreende que Alejandro presta, em suas memórias, uma homenagem ao pai, afinal, foi ele quem trocou de nome com um alemão para fugir do campo de concentração. O conflito de ideias com o pai, portanto, já foi superado, mas a tessitura permite reconhecer o que ficou e o que se perdeu da articulação entre culturas: a judaica e a paraguaia. Ao representar as relações interculturais, as obras de Gertopán permitem apreender as

dificuldades advindas do processo da interculturalidade. O imigrante é representado a partir de suas angústias, de seus anseios e da dificuldade em se colocar no país estrangeiro, sem, contudo, perder os laços com a sua identidade de origem.

As memórias de Alejandro são iniciadas a partir de um telefonema dado pelo pai. O pedido parecia ser muito simples: o pai queria passar o Rosh Hashaná, o ano novo judeu, na companhia do filho. A apresentação das personagens e de seus sentimentos é trazida de maneira entrecortada. Por exemplo, na primeira aparição de Haim, o leitor descobre que o protagonista-narrador vive sozinho em um apartamento. Ao ser cobrado que acenda as velas e reze a Deus, Alejandro responde: “-Papá, las velas del viernes las prenden y las rezan únicamente las mujeres, y acá no hay ni una sola mujer. ¿O no te acuerdas que vivo solo? ”, Además está escrito: “Sólo a través de la mujer las bendiciones de Dios son concedidas a una casa” (GERTOPÁN, 2010, p. 10).²⁴ Na relação entre os dois pode estar a representação entre a tradição e a mudança (ou o meio termo). O pai é aquele que se esconde em um *gueto* para preservar a língua e a cultura; o filho seria o sujeito híbrido, movido pelas raízes familiares, mas também entusiasmado pela cultura do país onde nasceu e cresceu.

24. “- Papai, as velas de sexta são acessas e rezadas apenas pelas mulheres, e aqui não tem nenhuma mulher. Não se lembra que eu vivo sozinho? Além disto, está escrito: “Somente por meio da mulher as bênçãos de Deus são concedidas em uma casa” (tradução nossa).

No romance australiano, Gaila também é representada como um sujeito híbrido, mas, à diferença de Alejandro, que recalca suas origens, a representante da primeira geração nascida na Austrália sente ter uma dupla personalidade. Ao contrário de seu pai, ela quer mudar seus hábitos alimentares e comer o mesmo que seus colegas comem, e usufruir das mesmas fontes de entretenimento. Tais ambições fazem com que ela se sinta interiormente dividida entre duas identidades em conflito, uma lembrança que remete aos seus seis anos de idade:

If it wasn't a problem with Gaila's clothes, then it was her lunch. Ella sent her to school with thick salami sandwiches, not the pure white triangles of with bread spread with Vegemite, the Australian yeast extract, that all Australian kids seemed to have in their lunch boxes. Galia longed for plain cheddar cheese or strawberry jam sandwiches. She looked at them wistfully, wishing that her mother should make them for her. Her weekends were filled with Lithuanian Saturday School, scout meetings and folk dancing practice. Her school friends went off to play tennis, watch football matches or were allowed to go swimming at Bondi or Manly beach. Sometimes it seemed that she lived two separate lives, one on the weekends and another person on weekdays. Sometimes she'd even answer her mother in English, she was so desperate to fit in (REILLY, 2016, p. 174-175).²⁵

25. “Se as roupas de Gaila não eram um problema, então, era o seu lanche. Ela a levou à escola com grossos sanduíches de salame, e não aqueles puros e brancos sanduíches triangulares recheados com Vegemite, o extrato de fermento australiano que todas as crianças australianas pareciam ter em suas lancheiras. Galia ansiava por sanduíches preenchidos com puro cheddar ou geléia de morango. Ela os olhava com gula e desejava ardentemente que sua mãe pudesse fazer alguns para ela. Seus fins-de-semana eram preenchidos com a Escola Lituana de Sábado, encontros de escoteiros e aulas de dança folclórica. Seus amigos de escola iam jogar tênis, assistir partidas de futebol ou seus pais permitiam que fossem nadar na praia de Bondi ou de Manly. Às vezes, parecia que ela vivia duas vidas separadas, que ela era uma pessoa nos dias de semana e outra aos fins-de-semana. Às vezes, ela até respondia à sua mãe em inglês, tamanho seu desespero para se inserir”. (REILLY, 2016, p. 174-175, tradução nossa).

Conforme mencionado anteriormente, o modo como nome e identidade estão correlacionados em ambas as obras marca um importante ponto de união entre elas e merece ser destacado mais uma vez. Para a cultura judaica, é o pai que dá seu sobrenome ao filho, transmitindo a ele toda a sua linhagem (cf. GALINKIN, 2008). Inicialmente, o leitor compreende por que a troca do nome do protagonista é gerador do conflito familiar. Ao final, compreende-se que Haim não sofre apenas por uma questão cultural. Ele vê o seu ato repetido pelo filho. O que o pai não alcança perceber é que ambos trocam de nomes por um instinto de sobrevivência. Se um lutou para escapar de um campo de concentração nazista, o outro se esforça por romper as barreiras que lhe tentam impedir de interagir com a cultura de seu país de nascimento. No caso de Alejandro, ele não rompe totalmente com a cultura judaica. Após a morte de sua mãe, o pai deixa para ele o apartamento em que viviam e se muda para um bairro mais afastado:

Era un barrio muy particular, donde el dueño de la farmacia era judío, el verdulero era judío y la dueña de la confitería también era judía. En aquel lugar se habían radicado muchas familias de inmigrantes que llegaron de Polonia, de Rusia, de Alemania y de otros lugares de Europa. De pronto uno se cruzaba con personas hablaban en yiddish, o con religiosos ortodoxos que parecían haber venido de Meashearim. Cuando se acercaba el viernes o

alguna importante festividad, el viento traía olor a pescado, a cebolla frita y a torta de miel. Fue por esa razón que mi padre había comprado el departamento en ese lugar hacía mucho tiempo atrás. Él necesitaba estar cerca de sus paisanos para sentirse seguro (GERTOPÁN, 2010, p. 13-14).²⁸

Roberto Cardoso Oliveira lembra que a identidade se dá pelo reconhecimento do outro: “é uma identidade que surge por oposição, implicando a firmação de ‘nós’ diante do ‘outros’, jamais se afirmando isoladamente” (OLIVEIRA, 1976, p. 44). No Paraguai, os judeus demarcaram esta fronteira identitária, reunindo-se em pares e, aos poucos, constituindo bairros ocupados apenas por eles, onde podiam assegurar a manutenção do idioma, da religião e de seus costumes. A escritora Suzana Gertopán também cresceu em um bairro assim: “En toda esa cuadra viven, mayormente todos judíos, y se convierte como en un pequeño guetto” (GERTOPÁN *apud* PINHEIRO, 2017).²⁹ Mas, diferentemente de Alejandro, ela deslocou-se. O narrador também poderia ter saído desse *gueto*, poderia ter renunciado à casa que herdou dos pais. Ao contrário disto, permaneceu. Muito provavelmente, porque o ponto de conflito com Alejandro não é a cultura judaica, mas o seu próprio pai: “Él un anciano solo, queriendo mantener vivo al judaísmo en mí, su único hijo, y yo un hombre también solo buscando un espacio de libertad” (GERTOPÁN, 2010, p. 20).³⁰

26. Era um bairro muito particular, onde o dono da farmácia era judeu, o verdureiro era judeu e a dona da confeitaria também era judia. Naquele lugar se havia fixado muitas famílias de imigrantes que chegaram da Polônia, da Rússia, da Alemanha e de outros lugares da Europa. Imediatamente, uma pessoa se cruzava com a outra e falava o *yiddish*, ou com religiosos ortodoxos que pareciam ter vindo de Meashearim. Quando se aproximava a sexta-feira ou alguma importante festividade, o vento trazia o cheiro do peixe, da cebola frita e da torta de mel. Foi por esta razão que meu pai havia comprado o apartamento neste lugar, há muito tempo atrás. Ele precisava estar perto de seus conterrâneos para se sentir seguro” (GERTOPÁN, 2010, p. 13-14, tradução nossa).
27. “Em toda esta quadra vivem, em grande parte, os judeus, e se converte em um pequeno gueto” (GERTOPÁN *apud* PINHEIRO, 2017, tradução nossa).
28. “É apenas um velho querendo manter vivo o judaísmo em mim, seu único filho, e eu sou apenas um homem buscando um pouco de liberdade” (GERTOPÁN, 2010, p. 20, tradução nossa).

Nesta dualidade de sentimentos, apresenta-se um filho que se esforça, à sua maneira, para minimizar o confronto, por isto, antes da visita do pai, ele retira da casa tudo o que possa parecer profano a um judeu: “Faltaba controlar que en la heladera no hubiera restos de jamón ni de ninguna otra comida que no reuniera la pureza ritual de un alimento”³¹ (GERTOPÁN, 2010, p. 20).

Em ambas as obras, há a representação das atitudes da primeira geração e dos descendentes de imigrantes perante duas culturas distintas: a do país de origem dos pais e a do país de acolhida. Para Fleuri, o convívio entre interculturalidades deveria ser pautado no “respeito às diferenças”: possibilidade de “respeitar as diferenças e de integrá-las a uma unidade que não as anule” (FLEURI, 2003, p. 19-20).

No caso da narrativa de Susana Gertopán, o equilíbrio apontado por Fleuri está representado pelo descendente. Alejandro, embora viva a relação conflituosa com pai, não abandona o bairro judaico e, ao mesmo tempo, vive como um paraguaio, namorando, inclusive, Laura, uma mulher não judia. Já o pai constitui o retrato do sujeito da diáspora, aquele que não escolheu deixar o seu país de origem, mas que foi obrigado a fazê-lo devido às circunstâncias. Haim não pode mais evitar as lembranças e, embora as

recordações provoquem tristeza, elas também ajudam a compreender as atitudes que se tomou ao longo da vida:

Sabes, hijo, trabajé toda la vida para que mi familia no sintiera hambre, no sufriera lo que yo sufrí en mi vida. ¡Tanta persecución! Me quedé en esta ciudad, trabajé, luché, pero perdí tantas cosas. Sólo pensé en ti y en tu madre. Les quise dar lo mejor, nunca dejé que les faltara nada. Luché contra la pobreza, porque, ¿sabes, Iósele?, la pobreza te convierte en un esclavo (GERTOPÁN, 2010, p. 81).³²

Haim sobreviveu e conseguiu livrar o filho de todas as misérias que enfrentou, no entanto, nele ficou impregnada a culpa por estar vivo, por ter renegado seu nome de judeu para escapar do campo de concentração e, aos oitenta anos de idade, sente que sua luta pela vida foi em vão: seu descendente não lhe deu netos, não fala o *yiddsh* e não cumpre com os rituais da religião judaica. Por outro lado, as memórias de Alejandro oferecem uma homenagem a este pai. Alejandro seguirá com algumas práticas da cultura judaica, sem deixar de se identificar com a cultura e com as pessoas do país quem que nasceu.

No romance australiano, o resgate do passado por Gaila é feito de outra maneira: quando ela tem pesadelos e descobre que são recordações de uma vida passada sua e, no final do romance, ao viajar para a Lituânia, reconecta-se

29. “Faltava conferir que na geladeira não estivesse resto de presunto nem de outra comida que não representasse a pureza do ritual de um alimento” (GERTOPÁN, 2010, p. 20, tradução nossa).

30. “Sabe, filho, trabalhei toda a vida para que minha família não sentisse fome, não sofresse o que eu sofri em minha vida. Tanta perseguição! Permaneci nesta cidade, trabalhei, lutei, mas perdi muitas coisas. Somente porque pensei em você e em sua mãe. Eu quis dar o melhor, nunca deixei que faltasse nada. Lutei contra a pobreza porque, sabe, lósele, a pobreza te transforma em um escravo” (GERTOPÁN, 2010, p. 81, tradução nossa).

com seus antepassados ao receber um presente a ela destinado por Renata, matriarca da família: o círculo de âmbar que dá nome ao romance.

CONCLUSÃO

As obras de Jura Reilly e de Susana Gertopán deixam impressas as subjetividades de suas escritoras, isto é, a maneira como elas mesmas realocaram as narrativas ouvidas durante a infância e a adolescência. As duas escritoras são descendentes de imigrantes e, ao criarem suas obras, elas deixam impressas suas trajetórias nas falas e na história de seus protagonistas. Enquanto o imigrante se esforça por preservar a sua cultura em território estrangeiro, o seu descendente é o sujeito que se movimenta nos dois mundos: no de seus pais e no do país onde nasceu. É deste *lócus* enunciativo que eles tecem as memórias de si e de seus antepassados, permitindo que os leitores também transitem nos desafios que o deslocamento forçado impõe. A escritora paraguaia imprime, em suas histórias, seus próprios sentimentos e a síntese das histórias que ouviu dos imigrantes de sua família. Sujeitos que, no ato de recordar, prestavam uma homenagem aos que sucumbiram nas mãos dos adversários. O seu processo de criação, como Gertopán faz questão de afirmar, é alimentado por estas narrativas (PINHEIRO, 2017), reorganizadas a partir da subjetividade da escritora. Jura Reilly também

se alimenta de suas lembranças ao escrever seus romances nos quais resgata as histórias de seus pais, tios, avós e bisavós além de suas vivências na comunidade lituana da Austrália e suas várias viagens à Lituânia.

Alejandro representa o ponto de vista do descendente e nisto se aproxima da vivência da própria Susana Gertopán. Haim, por sua vez, encarna a imagem dos imigrantes e seus medos diante do novo espaço. Já Gaila está mais próxima de Jura Reilly pois assim como a romancista, ela é ourives e casada com marido não lituano. Com relação à língua de herança de Alejandro e de Gaila enquanto o primeiro se recusa a utilizar o *yiddish*, idioma hoje extinto, a segunda chegou a aprender o lituano e a usá-lo em sua viagem, porém seus filhos e netos não aprenderam o idioma, indicando o abandono na língua de herança pela geração mais jovem. Da mesma maneira, Alejandro, por não ter filhos, não perpetuará o nome e a identidade cultural e linguística que recebeu de sua família.

Do ponto de vista dos pais dessas personagens, contudo, há o mesmo fechamento identitário, para eles, o castelhano e o inglês têm apenas a função pragmática do trabalho para o sustento familiar. Eles sintetizam o sujeito da diáspora forçada, com o corpo em terra estrangeira, mas com o coração e o pensamento em sua casa de

origem. Ao final, ambas as realidades literárias destacadas nesta análise constituem um convite para pensar no imigrante e nas fronteiras que ele traz consigo ao sair, por opção ou por coerção, de seu país de nascimento.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. Trad. Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOSI, Ecléa, **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COURTOIS, Stéphane (Ed.). **O livro negro do comunismo**. Crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. **Revista Grifos**, n. 15, p. 16-47, maio. 2003.

GALINKIN, Ana Lúcia, Judaísmo e identidade judaica. **Interações**: Cultura e Comunidade, vol. 3, núm. 4, p. 87-97, 2008.

GERTOPÁN, Susana. **El nombre prestado**. 3ª. ed. Assunção: Servilibro, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos**: a uma teoria da linguagem. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PINHEIRO, A. S. **A trilogia de Susana Gertopán**: Identidades em (des)construção. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2005.

REILLY, Jura. **Circle of Amber**. Higthon Victoria: Australia, 2016.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Deslocamentos identitários e nomeação no Romance **Circle of amber**. Rio de Janeiro: **Cadernos Seminal Digital**, v. 32, n. 32, p. 318-358, 2019.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Antroponimia, diáspora y migración: los descendientes de lituanos en Brasil. **Onomástica desde América Latina**, v.1, n.1, p.100-121, 2020a. Disponível em <<https://doi.org/10.48075/odal.v1i1.24156>>. Acesso em 01 out, 2021.

SEIDE, Márcia Sipavicius. A antroponomástica comparada. **Onomástica desde América Latina**, v.2, n.1, p.83-102, 2020b. Disponível em: <<https://doi.org/10.48075/odal.v1i2.25488>>. Acesso em 01 out, 2021.

Recebido em: 23-04-2021.

Aceito em: 07-10-2021.